

MARCADORES DISCURSIVOS EM NARRATIVAS DE ALUNOS DO 6º ANO: UMA ABORDAGEM TEXTUAL-DISCURSIVA

Carlos Eduardo Ferreira da CRUZ

Érika Rodrigues Moraes MACHADO

Universidade Estadual do Ceará

Resumo: Este artigo traz uma breve análise da presença de marcas de oralidade em textos de alunos do 6º ano de uma escola pública. Objetivamos com essa pesquisa realizar o levantamento dos marcadores discursivos (MD) da fala que mais aparecem em textos escritos de alunos de 6º ano e observar que tipo de relação semântico-discursiva eles estabelecem no período, para que possamos assim descrever como esses articuladores se comportam na construção do discurso. O *corpus* analisado é composto por doze redações que trazem o gênero da ordem do narrar. A escolha dessa sequência textual justifica-se porque nela é mais provável encontrar marcas de oralidade. Constatamos em nossa análise que os marcadores discursivos mais comuns na fala possuem função retórica importante no texto escrito. Dentre os marcadores analisados, os mais recorrentes foram os “e” e “ai”. Verificou-se, ainda, que um mesmo marcador pode, em contextos diferentes, possuir diferentes funções semânticas.

Palavras-chave: Marcadores Discursivos. Fala. Escrita. Narrativa.

DISCOURSE MARKERS IN THE SIXTH LEVEL STUDENTS' NARRATIVES: A TEXTUAL AND DISCOURSE APPROACH

Abstract: This article provides a brief analysis of the presence of brands of oral texts in the 6th grade students from a public school. This study aims to undertake a survey of discourse markers (DM) speech that most appear in texts written for students in the 6th grade and observe what kind of semantic-discursive relationship these DM establish the period, so we can well describe how these articulators are behave in the construction of discourse. The corpus analyzed is composed of twelve essays that bring the genre of the order of the narrating. The choice of this text sequence is justified because it is more likely to find marks of orality. We find in our analysis that the most common speech MD has important rhetorical function in the written text. Among the markers analyzed, the most frequent were the "and" and "there." It was also found that the same marker may, in different contexts, have different semantic functions.

Keywords: Discourse Markers. Speech. Writing. Narrative.

MARCADORES DEL DISCURSO EN TEXTOS NARRATIVOS DE ESTUDIANTES DE 6 º AÑO: UN ENFOQUE TEXTUAL Y DISCURSIVO

Resumen: Este artículo presenta un breve análisis sobre la presencia de las marcas orales en textos de los estudiantes de 6 º año de una escuela pública. Esta investigación tiene como objetivo realizar un estudio de los marcadores del discurso (MD) del habla que más aparecen en los textos escritos por alumnos de 6 º año y observar qué clase de relación semántica y discursiva estos MD establecen en el período, para que logremos describir cómo estos articuladores funcionan en la construcción del discurso. El *corpus* analizado se compone de doce textos narrativos. La elección de esta secuencia textual se justifica debido a que es más probable encontrar marcas de oralidad en dicho tipo textual. Como resultado de nuestro análisis, vimos que los MD más comunes en el habla tienen importante función retórica en el texto escrito. Entre los marcadores analizados, los más frecuentes fueron “mas” y “aí”. Se encontró también que un mismo marcador puede tener diferentes funciones semánticas en contextos diferentes.

Palabras clave: Marcadores del discurso. Habla. Escrita. Narrativa.

INTRODUÇÃO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) dedicam especial atenção ao estudo da linguagem oral no ensino de língua materna. Contudo, tal atenção ainda não é trabalhada pelos professores na escola, de modo que os alunos compreendam que a espontaneidade da fala não pode ser transposta indiscriminadamente para a escrita.

Como diria Marcuschi (2005), a fala, bem como a escrita, tem suas estratégias preferenciais. Ambas as modalidades não são encaradas, pelo autor, de forma dicotômica, mas como um contínuo de diferenças e semelhanças entrelaçadas. E é na organização dos tópicos discursivos e na progressão textual que, de acordo com o autor supracitado, ficam mais visíveis a tênue fronteira entre a fala e a escrita.

No processo da produção escrita, particularmente, percebe-se que alguns alunos sentem profunda dificuldade em estabelecer relações discursivas entre os períodos. Como constatou Cruz (2011), alunos do 6º ano, além da forte presença de marcas da oralidade na

escrita, mostraram também dificuldade em compreender informações e retextualizá-las¹ em uma nova instância discursiva. Focamos nossa análise nos marcadores que se manifestam com mais frequência na fala, que são levados para a escrita em textos da ordem do narrar.

Buscamos investigar, de forma analítica, a construção de elos coesivos, mais comuns em textos orais, nas produções escritas de alunos de 6º ano. Observaremos quais marcadores mais incidiram e em qual possível função discursiva no período estão inseridos.

Percebemos que em alguns textos escritos dos alunos de 6º ano (de uma escola municipal de Fortaleza) o uso de MD mais recorrentes na fala é constante. Alguns possíveis fatores podem ser apontados como determinantes para essa prática, dentre eles supomos que a pouca leitura de textos literários e não literários dos alunos geraria, conseqüentemente, a escassez vocabular, constatada nos textos produzidos por eles. Tal observação nos instigou a aprofundar os estudos sobre o assunto, com a finalidade de compreender que relações discursivas os alunos pretendem estabelecer com MD como “ai”, “então”, “depois”, os quais são repetidos frequentemente nas redações, estabelecendo diferentes significados.

Como objetivo geral, esta pesquisa tenciona analisar produções escritas de alunos do 6º ano de escola municipal, observando a incidência de MD da linguagem falada. Em busca de respostas para os questionamentos em pauta, realizaremos as seguintes ações: fazer um levantamento dos MD da fala que mais aparecem em textos escritos de alunos de 6º ano; elaborar uma tabela quantitativa com a frequência dos MD; observar o tipo de relação semântico-discursiva que esses MD estabelecem no período; descrever os articuladores e exemplificar com passagens dos textos dos alunos.

A partir dos objetivos expostos, pretendemos responder aos seguintes questionamentos: que MD mais comum na fala aparece em maior frequência nos textos escritos por alunos do 6º ano oriundos de uma escola pública? Que relações discursivas esses alunos buscam obter ao utilizarem o mesmo MD em diferentes períodos?

¹ De acordo com Marcuschi (2010), a retextualização é a transformação de uma modalidade, oralidade ou escrita, em outra. Quando lemos uma notícia e resolvemos contá-la a alguém, realizamos, portanto, a atividade de retextualização.

1. METODOLOGIA

A base do *corpus* deste trabalho foram textos da ordem do narrar produzidos por alunos do 6º ano de uma escola pública municipal de Fortaleza.

Para a coleta dos dados a serem analisados, duas propostas foram lançadas. A primeira teve como base o conto “Biruta” de Lygia Fagundes Telles. Após leitura do texto e discussão sobre o tema transversal existente na história (o egoísmo do ser humano), pedimos aos alunos que escrevessem uma história que tivesse como personagens um menino e um cachorro.

Na segunda proposta, o tema abordado foi “O fim do mundo”². O assunto foi debatido em uma roda de conversa. Na aula seguinte, os alunos desenvolveram um texto narrativo seguindo a proposta: “Conte-nos uma história mostrando como será o fim do mundo”. Os textos foram compartilhados em sala de aula por meio da leitura de seus respectivos autores.

No total, foram coletadas cinquenta redações, das quais selecionamos para análise apenas 12, que serão numeradas de R1 a R12. Não utilizamos todo o *corpus* coletado porque percebemos que alguns alunos com maior competência textual conseguiram estabelecer melhor a coesão entre os períodos, mostrando domínio sobre um repertório diversificado de conectivos.

Em última instância, compilamos as informações recolhidas no *corpus* em forma de tabela e descrição de como agem os marcadores discursivos em prol da construção do discurso.

2. MARCADORES DISCURSIVOS: O QUE SÃO E COMO AGEM NO DISCURSO

Há certa divergência quando o assunto é Marcadores Discursivos, pois na literatura sobre o assunto essas marcas linguísticas podem aparecer com diferentes nomenclaturas. Koch (2009) traz a denominação *organizadores textuais*. Para citar outras terminologias, temos:

² A escolha do tema estava relacionada a um assunto muito divulgado na mídia em dezembro de 2011: a possibilidade do fim do mundo que havia sido prevista pelos Maias na antiguidade. Para ampliar a bagagem cultural dos alunos, na ocasião, foram lidas sinopses de filmes, pequenos textos falando sobre profecias maias, além de charges selecionadas sobre possível apocalipse.

marcadores conversacionais, operadores discursivos, marcadores de estruturação da conversação, apoios do discurso, conectores discursivos, “particulazinhas incômodas” (GRIMES,1975 *apud* TABOADA, 2005, p. 571), mencionando apenas alguns.

Optamos, contudo, por utilizar o termo “Marcadores Discursivos” (MD). Primeiro, por ser o termo mais recorrente na literatura sobre o assunto. Segundo, porque o vocábulo dá conta tanto da função interacional dos termos em estudo, que está relacionada à conversação face a face, como da função textual – na qual se observa essas partículas com função de organizadoras textuais.

Nos anos 80, alguns pesquisadores usaram o termo *conectivo*, para se reportar a elementos cuja função era ligar unidades do discurso. Schiffrin (2001), por exemplo, foi a responsável por popularizar o termo “marcador discursivo”, especialmente nos EUA. Em alguns casos, “marcador” e “conectivo” passaram a ser utilizados como sinônimos. Entretanto, “marcador” seria o hiperônimo, termo mais abrangente, e “conectivo”, seu hipônimo, mais específico.

Embora os MD ainda se configurem como uma área de pesquisa abrangente, a ponto de haver flutuação terminológica dessas unidades linguísticas, decidimos restringir nosso trabalho à observação desses conectivos em produções escritas de alunos de escola pública. Objetivamos, pois, observar como os estudantes buscam construir seus textos utilizando essa categoria de constituintes linguísticos. Nesse contexto, será interessante, a nosso ver, notar a presença da fala na escrita por meio do uso de alguns marcadores que migram de uma modalidade para outra.

2.1 O QUE SÃO MARCADORES DISCURSIVOS?

Os marcadores discursivos são partículas que atuam no nível da coesão textual. Koch (2009), utilizando a terminologia articuladores textuais, refere-se a essas partículas de união como responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais (períodos, parágrafos, subtópicos). Ainda sob o olhar da mesma autora, esses marcadores podem estabelecer entre essas partes relações lógico-semânticas, enunciativas ou discursivo-argumentativas.

Penhavel (2005, p. 1296) define os marcadores discursivos como mecanismos imprescindíveis na construção do discurso por serem responsáveis pela organização textual-interativa, estabelecendo algum tipo de relação entre unidades textuais e/ou entre os interlocutores.

O estabelecimento das relações de coerência tem relação direta com o uso de MD, em conformidade com Taboada (2006). De acordo com a autora, as relações de coerência podem ser estabelecidas de diferentes formas no discurso, sendo uma delas os MD, que guiam o receptor do texto no reconhecimento dessas relações.

Risso (1999, p. 265-266) analisa o traço interativo dos MD nos turnos de fala. Certos MD como “bom”, “bem”, “olha”, “ah” têm função de reinterar o discurso e de retomar a fala. Ao investigar as propriedades gerais dos marcadores, Risso percebeu que esses elementos possuem traços mais ou menos constantes: são altamente recorrentes no espaço textual; atuam no plano da organização textual interativa, garantindo a articulação dos segmentos textuais e a sinalização das relações interpessoais; não constituem enunciados completos por si só. Do ponto de vista comunicativo, os MD são unidades não autônomas; possuem massa fônica reduzida e apresentam-se em pequena extensão.

De acordo com o exposto, percebe-se que os MD não chegam a constituir uma classe direta e absolutamente homogênea, o que faz com que esses elementos linguísticos desempenhem as mais variadas funções: cognitiva, discursivo-argumentativa, organizacional, metaenunciativa e interacional (KOCH, 2009, p. 144).

2.2 CLASSIFICAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVOS

Os MD agem de duas formas: além de auxiliarem na interação, também organizam as partes do discurso. Halliday (1978) classificou os MD num primeiro grupo baseado nos componentes ideacional e textual e, num segundo grupo, centrado no componente interpessoal.

Fraser (1999) afirma que os MD estão distribuídos em duas classes: MD que relacionam mensagens, os quais relacionam algum aspecto das mensagens veiculadas pelos segmentos que seguem ou precedem o marcador, e os MD que relacionam tópicos, que são responsáveis pela condução do discurso.

Sob o olhar da Sociolinguística, Schinffrin (2001) constatou que a função dos MD vai muito além da textual e da interacional. A autora notifica de que as funções dos MD nos domínios cognitivo, expressivo, social e textual agem simultaneamente nas diferentes partes do discurso (SCHINFFRIN, 2001, p.62). Vem daí sua afirmação de que os MD são multifuncionais.

Santos (2003) propõe um quadro para a classificação dos articuladores textuais, de acordo com sua função discursivo-textual. A autora considerou para a análise a posição em que o articulador se encontrava e seu papel na tessitura textual. Além disso, atribui aos articuladores uma subfunção, relacionada ao seu papel semântico no discurso. O quadro 1 (anterior) norteará a classificação dos MD encontrados no *corpus*.

Quadro 1- Classificação dos Articuladores Textuais

Segmentos discursivos	Função textual-discursiva	
	Macrofunção	Subfunção
<ul style="list-style-type: none">• Início de turno de fala• Meio de turno de fala• Meio de parágrafo• Início de parágrafo	Organização tópica	Ruptura Retomada
	Progressão narrativa	Mudança de condução da narrativa (acrécimo de novo dado) Adição Progressão temporal (sequenciação) Causa/efeito Conclusão/finalização Ênfase (polissíndeto)
	Interação (entre personagens ou entre narrador e leitor)	Interpelação Ênfase (exclamativo/interrogativo)
	Contrajunção	Quebra de expectativa Retificação Ressalva

Fonte: Santos (2003, p. 40)

De forma didática, a autora atribui aos marcadores, de acordo com sua atuação no discurso, macrofunções e subfunções que nos mostram a importância dessas unidades na conexão das ideias expostas no texto.

Assim, é importante perceber que, em suma, os MD expressam relações semânticas entre trechos do discurso, sendo responsáveis tanto pelo encadeamento das informações como pela progressão textual. Santos (2003) comenta que os conectivos com valor de articuladores textuais delimitam etapas discursivas, estabelecendo a coesão e a progressão textual.

2.3 OS MARCADORES DISCURSIVOS E A ESTRUTURAÇÃO DO GÊNERO DO NARRAR

O gênero do narrar está intrinsecamente relacionado ao cotidiano da vida em sociedade. Narramos fatos corriqueiros, recontamos histórias vistas em novelas ou filmes. Historicamente, a fala precedeu à escrita, o que nos faz pensar que a narrativa, em sua forma primeira, veio da oralidade. Ao retextualizarmos para a modalidade escrita uma história oral, podemos encontrar indícios de oralidade, principalmente no que tange ao encadeamento de sequências discursivas, que dão progressão aos fatos contados.

Em sintonia com Halliday (1978), Bronckart (2012, p. 267) assevera que: “A seleção das ocorrências efetivas de organizadores textuais que desempenham uma ou outra dessas funções de conexão pode ser dependente do tipo de discurso em que se insere”. Ao estudar a estrutura do folheado textual, Bronckart (2012) apresenta um aparelho conceitual no qual trabalha com mecanismos de textualização responsáveis por organizar a infraestrutura do texto. Responsáveis pelo estabelecimento da coerência temática, esses mecanismos foram divididos em: conexão, coesão nominal e coesão verbal.

Na coesão nominal, pronomes pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos realizam mecanismos chamados de anáfora. Na narrativa, a anáfora pode-se dar por meio da retomada do personagem por outro nome, por exemplo.

A coesão verbal garante a organização temporal e/ou hierárquica do processo, o que é feito por meio dos tempos verbais. Nesse caso, as marcas morfológicas agem em conjunto com outras unidades de valor temporal: advérbios e organizadores textuais. Entretanto, sua realização dentro do texto vai depender do tipo de discurso em que aparece.

Nos mundos virtuais criados pela linguagem, os quais Bronckart convencionou chamar de mundos discursivos, foram distinguidos os mundos da ordem do narrar e os da ordem da ordem do expor. Entre esses dois mundos, é estabelecida uma relação binária.

Bronckart (2012) delimita categorias de organizadores textuais, classificados de acordo com seus respectivos valores semânticos: temporais, lógicos e espaciais. O autor citado observou que organizadores de ordem temporal aparecem com frequência em textos da ordem do narrar. Já os lógicos são mais comuns na ordem do expor. Em contrapartida, os organizadores espaciais ocorrem mais em sequências descritivas.

Contudo, há uma advertência: essa relação é apenas parcial ou estatística, pois organizadores temporais podem aparecer na ordem do expor e lógicos, na ordem do narrar.

Nossa pesquisa, portanto, está focada na análise dos MD mais comuns na fala que aparecem em produções escritas da ordem do narrar e explicar. Buscaremos observar esses marcadores procurando investigar sua funcionalidade dentro dos textos redacionais, não encarando a relação fala e escrita como dicotômica, mas baseada na ideia de um *continuum*, como bem argumenta Marcuschi (2010).

2.4 ANÁLISE DOS DADOS: A ATUAÇÃO DOS MARCADORES DISCURSIVOS NA ARQUITETURA TEXTUAL

Iniciamos a análise dos marcadores discursivos tentando responder à seguinte pergunta: que MD mais comuns na modalidade oral aparecem na modalidade escrita em redações de alunos do 6º ano do ensino fundamental? A seguir, analisamos que função textual-discursiva desses MD opera na construção do texto. Ressaltamos, todavia, que nesta pesquisa o

texto é encarado por meio de uma perspectiva ampla: como um objeto dinâmico e multifacetado.

Ao todo, foram identificados 97 marcadores distribuídos nas redações analisadas. A Tabela 1 apresenta a frequência geral dos MD mais comuns na fala em narrativas de alunos de 6º ano de escola pública.

Tabela 1- Ocorrência dos MD nos textos dos alunos

	Marcador	Frequência em porcentagem
1	E	59,79%
2	Aí	27,8%
3	Mas	4,12%
4	Depois	4,12%
5	Então	3,09%
6	Daí	1,03%

Por meio da leitura da Tabela 1, percebe-se a predominância dos MD “e” e “aí”, responsáveis pela sequenciação ou progressão temporal do texto. Ambos são elementos importantes na construção da narrativa. Tal constatação pode ser apoiada pela fala de Marcuschi (2005, p. 74), quando afirma que: “A narrativa é um dos momentos mais interessantes para se observar como os autores servem-se de maneira abundante de estratégias orais de narrar.”

Para dar continuação a nossa análise, traçamos um paralelo com a pesquisa de Santos (2003), a qual está centrada nas unidades discursivas que são articuladas de acordo com sua função e efeito de sentido. Na subseção seguinte, os marcadores são observados de acordo com sua subfunção e com sua localização no texto – começo ou meio de parágrafo.

3. ANÁLISE DOS MARCADORES DISCURSIVOS

3.1 O MARCADOR DISCURSIVO “E”

Assim como no trabalho de Santos (2013), constatamos que o MD cuja frequência se apresentou mais alta foi o “e”. A autora aponta que na literatura infantil e juvenil esse conectivo não configura problema de coerência/ coesão, e sim é um recurso utilizado para aproximar o texto da oralidade. Em nossa investigação, verificamos no trecho da R5 o MD “e” encabeçando uma sequência de fatos.

R5

Era uma vez um cientista que estava prevendo um meteoro que ia acabar com o mundo no dia 21 de dezembro de 2012 como essa data já estava a muito perto ele foi em uma rádio e falou jente o mundo vai se acabar em 3 dias uma pessoa da família desligou o som e quando chegou o dia eles foram quando chegou falaram que praia deserta nesse exato momento caiu uma grande coisa no mar que surgiu uma grande tsunami. que matou a família que nem teve tempo de correr e a onda foi tão grande que cobriu e foi acabando com todo o planeta terra.

O aluno listou uma sequência de fatos que ocorrerão no fim do mundo. Cada novo acontecimento que é acrescentado vem antecedido pelo “e”. Por unir segmentos e conectar informações, sua macrofunção é a progressão da narrativa e sua subfunção está atrelada à sequenciação, as quais apareceram em maior frequência.

De acordo com Schiffrin (2001), a análise do MD “e” deve ser feita de acordo com sua contextualização no *corpus*, pois existem outros valores, além de adição, a serem empregados a esse conectivo, inclusive semelhantes ao “mas”. Ao lançarmos um olhar para um parágrafo extraído da R6, encontramos o “e” em destaque com sentido adversativo.

R6

Ai essa família desesperou e eles começaram a atirar nesses animais de 4 cabeças e não acontecia nada com eles ai quando essa família virou tava vindo uma onda de mais de 200 metros ou mais.

Na história narrada, pessoas tentam matar os animais. Em oposição a esse fato está o de que os animais, mesmo atingidos, não morrem. Aqui, a subfunção do “e” é a contrajunção, que aparece em menor frequência. Essa subfunção se dá por meio de uma quebra de expectativa, no caso do texto analisado, a resistência dos monstros.

3.2 MARCADOR DISCURSIVO “AÍ”

De acordo com Santos (2013), alguns pesquisadores optam por realizar estudos acerca dos MD “aí” e “então” de forma conjunta, por haver intercâmbio de sentido entre os dois. Contudo, analisamos os dois conectivos separadamente, visto que “aí” é mais comum em textos informais e “então”, em formais.

O segundo MD mais frequente foi o “aí”. Encarado por professores como uma marca de oralidade por excelência, esse marcador pode, de acordo com Ferreira (2008), possuir as seguintes macrofunções: organização tópica, progressão narrativa e interação; todavia, eles não surgem como a contrajunção. No *corpus*, a macrofunção progressão da narrativa teve um índice maior de ocorrência. Observamos essa progressão no texto da R1:

R1

Eu conheci uma história que um menino achava um cachorro que estava na rua morrendo de fome aí um menino pensou será que eu levo ele para casa. Ele levou e falou agora vou cuidar de você. Aí ele começou a crescer ficou bonito forte. Ele estava doente o menino cuidou dele ele ficou melhor aí o cachorro começou a sirrecuperar aí começou a andar e lati.

O MD “aí” se repete no decorrer de toda a narrativa. Ele funciona como um fio condutor que relaciona a progressão dos fatos, os quais vão do encontro entre o menino e o cachorro que estava doente até a recuperação do animal. Sua função é a de sequenciador de elementos da narrativa. Santos (2013), em sua pesquisa, chegou à conclusão de que a macrofunção progressão da narrativa é desempenhada pelo articulador de forma significativa em relação às demais funções que pode assumir no texto.

Outra função do MD “aí” está ligada à relação causa/efeito. Tal função é analisada em trecho também da R1:

R1

O menino resolveu ir para a floresta que tinha perto de sua casa aí ele ficou com saudade da mãe e foi para casa.

Para que essa função ocorra, algo deve acontecer e gerar uma consequência. No texto, o garoto fugiu para a floresta com o intuito de viver lá com o cachorro (causa). Contudo, ao chegar ao local, sentiu falta da mãe (efeito).

O acréscimo de um novo dado é outra subfunção do MD em estudo. Nesse caso, ele age como um continuador do discurso, vejamos isso em R12.

R12

Era uma vez em que uma época de 2012 em que todos os jornais anunciavam de o mundo vai acabar.

Então uma família ficou desesperada da vida todos do município estava loucos.

Aí dona Rosa pega tudo o que tinha no mercadinho ela pegou: feijão, arroz, biscoitos e etc.

Em cada parágrafo, o aluno coloca um acontecimento novo (um novo tópico) da narrativa. O último, antecedido pelo “aí”, relata o que a dona de casa fez ao saber do fim do mundo.

Martellota (1993) localizou casos em que a função do MD “aí” seria temporal. A função sequenciador temporal se dá quando o MD destaca uma ordenação temporal cronológica dos eventos narrados. O MD “aí” carrega uma marca temporal derivada de sua natureza adverbial. É o que se vemos em R3.

R3

O menino foi passear com o cachorro correu brincou com o menino aí ficou doente aí ele foi para casa aí o cachorro comeu e de repente a mãe do menino pegou o cachorro e levou para a rua o menino viu a sena toda.

Mesmo com a presença do advérbio de tempo “de noite”, o aluno fez questão de reforçar a sequência temporal com o uso do “aí”, fato que também já foi descrito por Martelotta (1993), que também localizou casos em que o “aí” com função temporal.

Embora seja considerado um traço de oralidade em textos escritos, o MD “aí” auxilia na construção da coerência do texto, dando maior dinamicidade à narrativa.

3.3. O MARCADOR DISCURSIVO “MAS”

No *corpus* levantado por Santos (2013), foram encontradas onze subfunções para o “mas”, dentro das quatro macrofunções gerais dos articuladores: organização tópica, progressão da narrativa, interação e contrajunção. No total de 560 ocorrências, 55% diziam respeito à contrajunção.

No *corpus* desta pesquisa, o MD “mas” também aparece na forma de sua variável “mais”. Em R1 e R4, encontramos dois exemplos que ilustram o MD em análise com valor de contrajunção:

R1

Perguntou Zulu o que esse cachorro está fazendo aqui?

- Disse afonço eu achei na estação de trem.
- Mais eu disse que não queria cachorro aqui.

No excerto, percebe-se que há uma quebra na expectativa em relação à permanência do cachorro.

R4

- Fábio como sera o fim do mundo sera que ira ter um tsunami. aí expliquei para ele:- Pedro talvez eu só sei que o mundo não ira de acabar. Mas eu acho que o fim vai ser assim os sete anjos vão ticar a trombeta aí vão acontecer desgrassas mas no começo todas as pessoas que servem a deus vão ser levadas para o ceu aí depois que vão acontecer essas desgrassas com o fogo...

A contrajunção ocorre quando há a frustração das expectativas, ou seja, quando um segundo segmento contrapõe-se a um primeiro. As ideias apresentadas no 2º parágrafo fazem oposição às do primeiro.

3.4 MARCADOR DISCURSIVO “DEPOIS”

Essa unidade linguística é colocada pelas gramáticas tradicionais como advérbio de tempo, o que lhe confere uma função referente à progressão temporal da narrativa. Entretanto, além do valor espacial e temporal, Martelotta (1993) aponta para o MD depois outros valores, a saber: sequencial e aditivo.

Em R4, percebe-se, em um único parágrafo, a repetição insistente do MD “depois”. No segmento discursivo, o marcador interliga períodos, encadeando a sucessão dos eventos que acontecerão no fim do mundo. Sua subfunção é a progressão textual, pois marca o fim de um evento e o começo do outro.

R4

Mas eu acho que o fim vai ser assim os sete anjos vão tocar a trombeta aí vão acontecer desgrasas mas no começo todas as pessoas que servem a deus vão ser levadas para o céu aí depois que vão acontecer essas desgrasas com o fogo vai queimar uma terça parte da terra e depois um meteoro gigante vai cair no mar e vai acontecer o tsunami e também o sol não vai ter aquela claridão toda e a lua não vai ter o seu brilho e a porta do inferno ira se abrir matando todas as pessoas da terra e depois disso deus ira destruir satanas e reinar os céus tranquilamente

No material analisado para esta pesquisa, não encontramos esse marcador discursivo com valor aditivo.

3.5 MARCADOR DISCURSIVO “ENTÃO”

De acordo com o Martelotta, no português atual, o “então” pode desempenhar em um texto funções de cunho pragmático-discursivas quando exercem os seguintes papéis no

discurso: sequencial, introdução de informação nova, retomada de assunto, conclusão, alternância, intensificador.

Com menor frequência, marcador “então” foi analisado em R9 como um sequenciador de fatos:

R9

Era uma vez uma mulher que disse que o fim do mundo ia ser dia 21 de dezembro Então ela reuniu todo mundo e disse que o mundo ia acabar com uma onda gigante então estava perto do dia e todo mundo aperiado ela falou alto e disse:

Três acontecimentos diferentes estão relacionados por meio do “então”, o que deixa transparecer sua subfunção de progressão textual. Santos (2013), ao analisar obras infantis e juvenis, reconheceu que o “então” desempenhava em número significativo a macrofunção progressão da narrativa.

Ainda em R9, localizamos um excerto no qual o “então” estabelece uma relação de conclusão:

R9

Na quarta vez o sol perderam a luz não terem a quele brilho que seduis o dia vai ser noite a noite vai ser dia quero está na gloria junto de Jesus então só quem sabi que o mundo vai acabar é Jesus.

O trecho exposto compõe o último parágrafo do texto. A ideia do autor era realmente concluir seu raciocínio afirmando que só Jesus tem domínio sobre as coisas do mundo. Para Santos (2013), o papel conclusivo desse MD parece ocorrer mais em textos não narrativos. R12 nos traz o seguinte caso:

R12

Era uma vez em que uma época de 2012 em que todos os jornais ansiava de o mundo vai acabar.
Então uma família ficou disisperada da vida todos do municipius estava loucos.

O uso do “então” nesse caso estabelece uma relação de causa e consequência. A causa é o anúncio do fim do mundo nos jornais, enquanto que a consequência é o desespero da família e de todos que habitam o município.

3.6 MARCADOR DISCURSIVO “DAÍ”

Tavares (1999) atesta que as funções do “daí” envolvem papéis que vão da indicação locativa (dêitico) a sequenciador textual, em que está diretamente relacionado à articulação entre partes do discurso. A ocorrência do MD “daí” que mapeamos encontra-se em R3. Ele atua no ramo temporal, observemos:

R3

Ele foi para uma floresta que fica bem perto de sua casa aí ele foi morar na floresta fez uma barraquinha de madeira e a partir daí ele ficou morando lá.

No trecho selecionado, o “daí” pode ser substituído pela expressão “neste momento”, sem prejuízo de sentido, o que indica relação temporal.

No texto em análise, percebemos a espontaneidade do discurso não elaborado, o que faz com que partículas monossilábicas como “daí” migrem despercebidas de uma modalidade da língua para a outra. E no que diz respeito à localização do “daí” no segmento do discurso, identificamos que ele está situado frequentemente no meio do parágrafo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de pesquisa fundamentou-se na expectativa de compreender a função dos marcadores discursivos mais comuns na fala que incidem em textos escritos. Procuramos, também, ver que MD apareciam em maior frequência.

Nosso objetivo com essa pesquisa foi o de responder aos seguintes questionamentos:

1. Que MD mais comuns na fala mais aparecem em textos escritos de alunos do 6º ano oriundos de uma escola pública?
2. Que relações discursivas esses alunos buscam obter ao utilizarem o mesmo MD em diferentes períodos?

Para obter respostas, estabelecemos um percurso teórico: definimos o que são MD; mencionamos as divergências de terminologia do termo; mostramos como alguns autores têm classificado os MD. Reservamos outro momento para uma análise mais apurada dos MD, com uma tabela que expõe a frequência das partículas em estudo nas redações analisadas. Na medida em que nossa análise ia progredindo, pudemos constatar que:

- os MD que se repetem ao longo do parágrafo podem exercer diferentes funções e subfunções;
- a subfunção mais atribuída foi a de progressão temporal;
- os MD encontramos em maior frequência foram: “e” e “aí”.
- a força argumentativa do MD “mas” reside na sua função contrastiva, que em determinados contextos pode ser partilhada com o marcador “e”, o qual poder denotar valor adversativo em alguns casos.

Não pretendemos com a presente análise limitar o olhar sobre os MD, visto que esse é um campo amplo de pesquisa na linguística. As constatações encontradas referem-se apenas ao corpus utilizado. Outros trabalhos podem surgir a partir deste, como estudos mais aprofundados sobre a interferência da fala em textos escritos de alunos de escola pública ou o prosseguimento do estudo dos MD em prol da retórica. Outra forma de pesquisa interessante poderia ser estudar isoladamente o comportamento de um MD, como o “e”, que em nosso trabalho mostrou-se mais recorrente. Tais apontamentos comprovam a necessidade de prosseguimento dos estudos na área.

REFERÊNCIAS

BRONCKART, J. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução Anna Raquel Machado, Pérciles Cunha. São Paulo: Educ, 2012.

CRUZ, C.E.F. **Mudança dêitica e persuasão**: a organização dêitica do texto por alunos do 6º ano na transformação do discurso informativo em persuasivo. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará, 2011.

FRASER, B. What are discourse markers? **Journal of Pragmatics**, v. 31, 1999. p. 931-952.

FERREIRA, Roberta Penna. **A articulação textual na literatura infantil da Ana Maria Machado e Ruth Rocha**. Franca, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da lingüística**. v.1. São Paulo: Global, 1978, p.125-161.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva, (Org.). **Fala e Escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTELOTTA, Mário Eduardo T. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação**: uma visão funcional. Rio de Janeiro. 1993. UFRJ. Tese (Doutorado em Linguística).

PENHAVEL, E. Sobre as funções dos marcadores discursivos. In: **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, XXXIV, 2005, pp. 1296-1301.

RISSO, M.S. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura *bom, bem, olha, ah*, no português culto falado. In: MOURA NEVES, M. H. (Org.) **Gramática do Português Falado** – v. VII: Novos Estudos. SP: FAPESP; UNICAMP. 1999.

SANTOS. L. W. **A articulação textual na literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2013.

SCHIFFRIN, D. Discourse markers: language, meaning and context. In: SCHIFFRIN, D., TANNEN, D., HAMILTON, H.E. (Org.), **The Handbook of Discourse Analysis**. Malden: Blackwell, 2001.

TABOADA, M. Discourse markers as signals (or not) of rhetorical relations. **Journal of Pragmatics**, v. 38, p. 567-592, 2006.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização do aí como conector**: indícios sincrônicos. Florianópolis: Ufsc, 1999. 13 p. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/2316/2008>>. Acesso em: 13 set. 2013.

TELLES, L. F. **Venha ver o pôr-do-sol e outros contos**. São Paulo: Ática, 2000.

Carlos Eduardo Ferreira da CRUZ

Doutorando e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem experiência na área da Linguística e da Linguística Aplicada. Atualmente desenvolve pesquisa na área da referenciação aplicada ao ensino de língua portuguesa.

Érika Rodrigues Moraes MACHADO

Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da rede pública municipal de Fortaleza.